



**Denise Maria Cavalcante Gomes. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia*. Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: FAPESP/EDUSP/Imprensa Oficial de São Paulo, 2002. 355p. ISBN 85-314-0616-1.**

**Francisco NOELLI**  
Universidade Estadual de Maringá

A análise de coleções arqueológicas é um campo promissor de trabalho arqueológico no Brasil, por dois motivos. O primeiro é a necessidade imperiosa de se conhecer inúmeros acervos acondicionados nas instituições, que se acumulam sem estudos há várias décadas. O segundo é o baixo custo dessa modalidade de pesquisa, especialmente para a iniciação científica de novos arqueólogos quando os recursos para ir ao campo são escassos. Os dois motivos somados contribuem na preparação de materiais para exposições e divulgação em âmbito acadêmico ou para o público em geral, bem como abrem espaço para novas considerações e pontos de partida para continuar ou retomar o trabalho em determinadas áreas.

Esse é o caso do livro em questão, um estudo bem sucedido realizado por Denise Gomes sobre as vasilhas e fragmentos da coleção Tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. A análise da coleção, em paralelo com a pesquisa das fontes históricas e da revisão crítica da bibliografia produzida pelos arqueólogos desde o século XIX, serviu para buscar "subsídios para a discussão dos principais problemas e abordagens neste livro: a cronologia da área Tapajós-Trombetas e as hipóteses de complexidade social em Santarém" (p. 71). Além disso, a autora também procurou realizar outras abordagens sobre a coleção, especialmente no caso do "acesso privilegiado a um tipo de cultura material, possivelmente associada a funções ideológicas e religiosas" (p. 16). Com essa perspectiva, Denise Gomes realizou a análise tecnológica, tipológica, dos estilos decorativos e iconográficos de uma coleção de 8.516 peças adquirida em 1971 para a USP, comprada de colecionistas amadores, cuja maior parte foi coletada entre Santarém e o rio Xingu ao longo de 20 anos.

O resultado mais significativo do livro, além da brilhante análise da coleção, é a mais completa síntese do que os pesquisadores pensaram sobre a ocupação do baixo Amazonas por populações ceramistas entre 400 e 1500 antes do presente. A obra inicia com a história da aquisição do acervo e da seqüência das pesquisas arqueológicas realizadas na área Tapajós-Trombetas. Pode-se observar o que fizeram, onde trabalharam e como os pesquisadores construíram a pré-história da região. O segundo capítulo mostra a formulação dos modelos teórico sobre o desenvolvimento cultural na Amazônia, propiciando a compreensão objetiva e completa de todas as idéias, interpretações, perspectivas e debates realizados por diversos estudiosos. Esses dois capítulos convergem para a contextualização da área Tapajós-Trombetas, partindo de um âmbito mais geral, a região Amazônica. O grande mérito dessa primeira parte é a maneira como o intenso debate, muitas vezes publicado de forma emocional, foi apresentado com habilidade e didatismo visando informar o leitor, especialmente aquele que desconhece o cenário acadêmico da história da pesquisa sobre a ocupação humana na Amazônia. Ao mesmo tempo, a autora apresenta uma série de reflexões e discussões críticas, que mostram para o leitor quais são os temas e pontos mais importantes do debate entre os especialistas, devidamente acompanhados de várias e pertinentes sugestões para futuras pesquisas, que também ocorrem ao longo de todo o livro.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia de análise da coleção e os resultados obtidos, onde a autora identifica os estilos tecnológicos das cerâmicas, classificadas como Santarém, Influência Santarém, Konduri, Influência Konduri, Globular, Barrancóide e estilos não definidos pertencentes à Tradição Inciso e Ponteadas e, por fim, exemplares intrusivos. Ela sugere que se empregue "estilo" ao invés de "cultura" Tapajônica e Santarém, em razão da falta de resultados publicados que propiciem a contextualização mais acurada das evidências. A partir de um rigoroso tratamento estatístico, a coleção foi analisada em diversos aspectos, tais como a composição do antiplástico, a classificação das formas, o tratamento de superfície visando classificar as técnicas decorativas e iconográficas, acompanhados de uma reflexão sobre a função das vasilhas. Para tanto, foi seguido a metodologia proposta por autores conhecidos no Brasil, como Shepard, Rye e a "terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica", bem como foram atualizados os esquemas classificatórios para as 37 formas identificadas através de uma cuidadosa e detalhada revisão de todas as propostas anteriores.

A partir dessa classificação, do seu tratamento estatístico e de uma erudita revisão bibliográfica, a autora realiza no quarto capítulo uma análise interpretativa consistente das técnicas decorativas e da iconografia, visando perceber o desenvolvimento histórico dos "modos" ("conjunto de atributos com sentido cronológico"), estilos e correlações com aspectos culturais, políticos e de gênero, sobretudo em relação a hierarquização entre os produtores dessas cerâmicas. É apresentada uma seqüência hipotética da área Tapajós-Trombetas, com a presença de 12 "modos de decoração" consecutivos, onde é proposto o desenvolvimento cronológico dos estilos decorativos e iconográficos. Também são apresentadas datações por AMS, que não deram certo, apesar das diversas tentativas, e por TL, que resultaram em 9 datas, mas que por falta de informações contextuais e de amostras de solo, "não permitiram uma avaliação completa sobre a precisão destas datações, consideradas tentativas" (p. 131).

O capítulo cinco apresenta as informações históricas sobre o baixo Amazonas no período colonial, tanto para retratar diversos aspectos sobre a sociedade Tapajó em vários momentos, quanto para discutir com densidade e pertinência a questão dos cacicados. Ao mesmo tempo realiza uma discussão sobre a relação entre as abordagens arqueológica e etno-histórica e também faz uma detalhada apresentação das fontes históricas conhecidas e uma análise sobre as relações culturais dentro da área Tapajós-Trombetas, com base nos diferentes estilos cerâmicos. Nesta parte do livro, a autora aproveita para discutir as diversas tendências interpretativas sobre o conteúdo simbólico da cerâmica e suas possíveis relações com aspectos ideológicos. É apresentada uma curta, mas pertinente discussão sobre os limites impostos pela ausência de informações contextuais da coleção tapajônica, especialmente a conclusão sobre a existência de uma "grande cultura tapajônica" que, segundo a autora, precisa ser questionada.

O livro encerra com um extenso catálogo de 163 pranchas coloridas, com fotografias de vasilhas e fragmentos de vasilhas e apêndices mais representativos da coleção tapajônica, acompanhadas da ficha técnica descritiva dos exemplares apresentados. Digna de nota é a excelente editoração da obra, que além de estar muito bem redigida e organizada, está situada entre as mais belas e bem apresentadas de toda a bibliografia arqueológica sobre o Brasil. Este conjunto de qualidades, somados ao alto nível científico do trabalho, transformaram **Cerâmica Arqueológica da Amazônia. Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE – USP** em uma obra de referência obrigatória para os especialistas e um guia indispensável para os iniciantes. Tais qualidades inscrevem Denise Gomes entre os principais especialistas sobre a arqueologia da Amazônia.

